

Um presidente emotivo



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República,
escritor e imortal da
Academia Brasileira de Letras

Fiquei profundamente emocionado no Senado e na Câmara dos Deputados quando comemoramos os 40 anos de democracia no Brasil. Recordei que, aos 25 anos, no Rio de Janeiro, no Palácio Tiradentes, onde funcionava a Câmara dos Deputados, eu jurava, pela primeira vez na vida, cumprir os deveres do mandato, de defender a Constituição e as leis do país. Depois, por mais uma vez no Rio, em 1959, novamente cumpria essa solenidade. Em 1960, quando Juscelino Kubitschek transferiu a capital para Brasília, transferi-me para esta cidade, de malas e bagagens, e aqui estou há 65 anos. Nesse período estão incluídos os 40 anos que passei no Senado, sendo hoje o político mais longevo do país.

Tudo isso se passava em minha cabeça, chegando aos momentos trágicos da doença de Tancredo Neves e, depois, com sua morte, indo à Câmara dos Deputados, onde jurei cumprir a Constituição, que seria revogada, uma vez que convoquei a Constituinte que iria elaborar a Constituição de 1988, a Constituição Cidadã, como a chamou Ulysses Guimarães.

Assumi a Presidência levitando, tomado pela antevisão dos problemas que iria enfrentar. Com habilidade, consegui legitimarme e sobreviver.

Pacificuei o país. Enfrentei 12 mil greves que ameaçavam jogar o Brasil na desordem. Nesse momento não contava com o apoio de grande parte do meu partido, nem dispunha do capital político de Tancredo Neves. Como vice-presidente, não escolherei o Ministério nem participarei da elaboração do plano de governo.

Foram cinco anos de profundas emoções e lutas. A democracia, de que hoje desfrutamos, foi construída com muitas dificuldades. Dei a minha contribuição, sofrendo grandes ataques da mídia.

Mas deixei o país no exercício tão pleno da democracia que passei o governo a um opositor que fora muito agressivo em ataques durante a campanha.

A Fundação Astrojildo Pereira e o Instituto Cidadania, com o apoio do **Correio Braziliense** — que realiza notável exposição desses 40 anos com fotos históricas — realizaram uma solenidade no Panteão da Pátria, que, pela primeira vez, abriu suas portas para celebrar a democracia.

Nessas comemorações dos 40 anos, vivi profundas emoções, até comoção, pelas lembranças da minha vida: nascido numa pequena casa de 50 metros quadrados, em Pinheiro, pequeníssima cidade — naquela época de apenas duas ruas —, somente com a presença de meu pai, minha avó, da parreira e da empregada, Emília, que me encheu de

carinho por toda a infância. Chovia, e abri meus olhos para o mundo. E nada mais belo do que a terra natal.

Máximo Gorki, famoso escritor russo, dizia que os batentes de sua aldeia eram mais belos do que os vitrais da Catedral de Strasbourg, considerados os mais belos do mundo.

Tudo isso me tomou nesses dias. Os discursos que ouvi de senadores, deputados, ministros me destruíram a vaidade, mas não a humildade.

Aí está o país gozando dos ventos da liberdade. O povo dono do seu destino. A cidadania exercida em sua plenitude.

A democracia não resolve outros problemas senão os da liberdade, dos direitos individuais e civis. Mas a nossa democracia foi além. Avançou nos direitos sociais.

Deixamos uma Constituição que assegurou ao Brasil 40 anos de democracia sem rupturas institucionais. Sem nova Constituição, não estaria completa a redemocratização. Ela é o coração da transição democrática.

Peço desculpas aos meus leitores pela vaidade. Perdoem-me. É um desabafo ameno. Vivi tantas emoções nesta semana que não tive tempo senão de confessar essas minhas fraquezas.

Mas a democracia tem que permanecer vigilante. Sempre tem inimigos. E o país não pode ficar dividido, repito, com uns condenados à salvação, e outros, à perdição. Fim da luta entre amor e ódio. Todos somos irmãos.

E o dever dos políticos é defender o espírito de união, a exconjurção da desonestidade e a busca da paz.



Mulheres negras em situação de vulnerabilidade lideram domicílios



» CRISTINA LOPES
Mestre em desenvolvimento
regional sustentável,
diretora executiva do Centro
de Estudos e Dados sobre
Desigualdades Raciais (Cedra)

uma análise inédita e recém-lançada pelo Centro de Estudos e Dados sobre Desigualdades Raciais (Cedra), sobre a série histórica de 2012 a 2023 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc), realizada pelo IBGE.

A maioria dos lares na faixa de extrema pobreza é liderada por mulheres negras. A porcentagem dos domicílios com renda até 1/8 de salário mínimo por morador cujo principal responsável eram mulheres negras era quase cinco vezes maior que a dos homens brancos, em média, entre 2012 e 2023. É nesses domicílios que se constata a presença de outros indicadores de vulnerabilidades nas áreas de educação, saúde, renda, trabalho, entre outros.

A cada 10 domicílios com responsáveis mulheres brancas, oito tinham máquina de lavar. Já nos domicílios com responsáveis mulheres negras, essa proporção era de apenas 5,5 em cada 10, em média, entre 2016 e 2022, segundo dados elaborados pelo Cedra. Esse dado é um indicativo de uma carga adicional de trabalho doméstico para as mulheres negras que se soma ao trabalho externo e informa sobre a qualidade de vida da família como um todo, além da possibilidade de tempo livre e lazer.

Entre 2012 e 2022, a taxa de desocupação (sem trabalho) entre mulheres negras era de 14,9% e entre as mulheres brancas, de 9,7%. Esse número indica uma dificuldade maior das mulheres negras de colocação no mercado de trabalho, mesmo comparadas com outras mulheres, o que ressalta uma desigualdade de gênero somada à desigualdade de raça.

Este mês é marcado por duas datas relevantes na agenda de direitos humanos no mundo todo — o Dia Internacional da Mulher (8) e o Dia Internacional contra a Discriminação Racial (21). São momentos fundamentais de mobilização e reivindicações (que não devem se restringir ao mês de março), e o sujeito que une essas duas pautas é a mulher negra.

Os dados aqui destacados revelam as múltiplas camadas de desigualdades que tornam precárias não só a vida das mulheres negras, mas de todas as famílias lideradas por elas, que se tornaram a maioria no Brasil a partir de 2023. Os fatores de riscos para situações de trabalho infantil, gravidez precoce, baixa escolaridade, insegurança alimentar, entre outros, são potencializados nessas famílias que, portanto, necessitam de uma atenção prioritária e permanente do Estado.

Como disse a intelectual americana Angela Davis, quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. Portanto, é necessária e urgente a elaboração e implementação de ações de equidade que priorizem as mulheres negras em todas as políticas públicas — saúde, trabalho, educação, segurança alimentar, habitação, entre outras — para realizarmos mudanças estruturais na sociedade e alcançarmos um desenvolvimento pleno, como preconizam instrumentos como a Declaração e o Plano de Ação da Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas e a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, dos quais o Brasil é signatário.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))



circacunha.df@dabr.com.br

Campanha da Fraternidade

Como vem ocorrendo desde 1961, quando os padres da Cáritas no Brasil idealizaram a Campanha da Fraternidade, com o objetivo de levantar recursos para financiar a assistência aos mais pobres, este ano, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) escolheu como tema da campanha “Fraternidade e Ecologia Integral”, seguido do lema bíblico “Deus viu que tudo era muito bom” (Gn 1,31).

De acordo com os organizadores, a campanha de 2025 busca conscientizar e promover a importância da fraternidade e da ecologia integral na construção de um mundo mais justo e sustentável. Além disso, a CNBB espera mobilizar a sociedade na reflexão sobre a crise ambiental e a necessidade de um compromisso coletivo com a sustentabilidade e a justiça social. Para os bispos reunidos nessa entidade, é preciso cuidar da nossa casa comum, promovendo a justiça socioambiental em busca de uma verdadeira conversão ecológica. Na avaliação desses clérigos, é preciso ouvir o “grito dos povos e da Terra”.

No cartaz que anuncia a Campanha da Fraternidade de 2025, aparece um São Francisco, o santo tornado pela Igreja Católica, o padroeiro da ecologia. Na imagem, vê-se o santo de braços abertos, tendo ao fundo recortes de uma favela contrapondo-se a enormes edifícios de moradias, mostrando a profunda desigualdade social e econômica ainda reinante em nosso país. “Novamente, Deus nos chama a vivenciar a Quaresma. Desta vez, porém, com o apelo especial a louvá-lo pela beleza da criação, a fazer um caminho decidido de conversão ecológica e a vivenciar a ecologia integral”, reafirmam os bispos, lembrando que este ano é especial porque são celebrados, além dos 800 anos da composição do Cântico das Criaturas, composto por São Francisco, os 10 anos de publicação da Carta Encíclica Laudato Si, pela Exortação Apostólica Laudate Deum, pelos 10 anos de criação da Rede Eclesial PanAmazônica (Repam) e pela realização da COP30 em Belém (PA).

Os bispos lembram que, desde 1961, a questão da ecologia vem sendo tratada como tema central. É certo que a Campanha da Fraternidade pode ser citada como sendo um dos rebentos advindos da Teologia da Libertação (TL), que, no início dos anos 1960, se irradiou por toda a América Latina e por alguns países pelo mundo. A própria linguagem dessa campanha, ao longo de todos esses anos, muito se assemelha na sua abordagem com a filosofia pregada pela TL.

Isso ocorre porque, talvez, a Igreja Católica ou parte dela nunca tenha se separado totalmente da TL. Apenas por ocasião do papado de João Paulo II (1978-2005), graças à atuação do então cardeal Joseph Ratzinger à frente da Congregação para a Doutrina da fé, a TL se viu encurralada na estreita passagem que separa o que é da Igreja do que é do marxismo. A partir desse julgamento, houve um certo declínio da TL nos anos posteriores, sendo esse rompimento suavizado agora com o papa Francisco, que tem sido mais reconciliador com os temas abordados por essa pregação.

Essa reinterpretação analítica e antropológica da fé cristã, que busca trazer a práxis política marxista para dentro da Igreja, tem sido mais duramente criticada hoje por dar ênfase exclusiva ao pecado institucionalizado, coletivo, desvalorizando o magistério (catecismo), além de incentivar a luta de classe. É por essa e outras razões que tem sido comum ouvir de padres, em suas homilias, críticas tanto à atuação da CNBB quanto em relação à temática anunciada nas campanhas da Fraternidade.

Existe, sim, uma diferença entre o que a Igreja prega e a Teologia da Libertação defende — ou seja, a ideia de que a Igreja, assim como o próprio Estado, deve superar seus atuais modelos estruturais, acabando, por exemplo, com o clericalismo e outros comportamentos distantes da realidade das populações mais pobres. A TL quer, em outras palavras, trazer o céu para a Terra. Para muitos conservadores, esse comportamento favoreceu a debandada dos fiéis para outros credos.

De fato, a Igreja não tem o dom e o poder de mudar as estruturas injustas do mundo secular. Mas pode mudar o coração dos homens, mostrando-lhes o caminho do espírito e da luz. Jesus, ao contrário do que muitos pregam, não era um ideólogo ou líder político. O Evangelho mostra um outro caminho, que não é deste mundo ou de outros mundos desenhados pelo materialismo humano.

» A frase que foi pronunciada

“Com caridade, o pobre é rico; sem caridade, o rico é pobre.”

Santo Agostinho

Toque

» Incrível como tanto os setores Hospitalar Norte e Sul, quanto o Setor Hoteleiro, não têm calçadas suficientes para que o pedestre possa fazer seu trajeto com segurança. Em setores estratégicos como esses, faltou sensibilidade.

Semear

» Regina Lopes, que mora na 707 Sul, observa que os pequenos tratores que cortam as grammas da área carregam, na pá, parte de cupinzeiros atingidos pela lâmina. O resultado é que o gramado ao longo das quadras está semeado desses insetos indesejados.

» História de Brasília

O meio-fio da Epia está sendo feito com montes de terra na pista sem nenhum aviso. À noite constitui um perigo para o trânsito. (Publicada em 27/4/1962)